

A resposta aristotélica sobre a problemática do ser em Heráclito e Parmênides

The Aristotelian answer to the problematic of being in Heraclitus and Parmenides

Matheus Henrique de Lima

Licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário da Fundação Educacional Guaxupé (Unifeg)

matheuslima988@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/4987425938577222>

Resumo

Abordamos neste artigo a novidade conceitual trazida ao campo da Filosofia por Parmênides, que tratou de temas diferenciais de seus antecessores ideias sobre o ser, sua unidade, imutabilidade e suas características: eterno, não gerado, indivisível, imóvel e redondo. Já o pensamento de Heráclito de Éfeso que afiançava o movimento como real e responsável pelas mudanças que ocorriam no mundo, mudando os elementos em outros elementos, sendo capaz de, a partir dos contrários, surgir a harmonia. Tal aporia perdurou por tempos na História da Filosofia sem uma resolução, contudo, Aristóteles, em suas obras, de modo especial na Metafísica apresentou os conceitos de ato e potência, quatro causas e acidente e substância. Ao estudarmos tal literatura notamos a influência de tais pensamentos o que concluímos e apresentamos como resposta do filósofo estarigita a essa problemática.

Palavras-chave: Imutabilidade. Movimento. Mudança. Princípio. Ser.

Abstract

In this article, we will address the conceptual novelty brought to the field of Philosophy by Parmenides, who dealt with different themes from his predecessors, ideas about being, its unity, immutability and its characteristics: eternal, ungenerated, indivisible, immobile and round. The thought of Heraclitus of Ephesus, on the other hand, confirmed movement as real and responsible for the changes that occurred in the world, changing elements into other elements, being capable of, from opposites, emerging harmony. This aporia persisted for some time in the History of Philosophy without a resolution, however, Aristotle, in his works, especially in Metaphysics, presented the concepts of act and potency, four causes and accident and



substance. When studying such literature, we noticed the influence of such thoughts, which we concluded and presented as the Estarigite philosopher's response to this problem.

Keywords: Immutability. Movement. Change. Principle. To be.

1. Introdução

As Filosofias de Heráclito e Parmênides foram vistas como contrárias pela Filosofia posterior, como podemos ver no diálogo platônico *Sofista*, no qual Platão discute a impossibilidade de reduzir o ser ao movimento ou ao repouso e critica o método pelos quais os outros filósofos¹ procuraram resolver, o que abriu vias para que Aristóteles pudesse responder essa aporia.

Parmênides foi responsável pela elaboração do conceito de essência, lançando na Filosofia o conceito de ser, algo ainda não discutido na Filosofia de até então, afirmando que o ser é e não pode deixar de ser. Por essa razão, negava o movimento, pois, segundo ele, este é uma ilusão. Heráclito fala sobre o movimento, chamado por ele de *devir*, uma força capaz de transformar tudo o que existe em outra coisa e, por este motivo, uma mesma coisa não pode ser experienciada mais de uma vez, e este é capaz de fazer que de contrários surja a harmonia.

Ao mesmo tempo que nascia a Filosofia ontológica, era paralisada pela imutabilidade e unidade do ser de Parmênides em confronto com o pensamento de Heráclito que defendia o *devir*. Para dar seguimento ao pensamento ontológico, era preciso romper essas barreiras provocadas pelos pensamentos opostos.

¹ Empédocles, Anaxágoras, Demócrito e Platão foram filósofos que precederam Aristóteles em uma possível solução desta problemática.

Para Empédocles, a causa de todas as coisas seriam quatro raízes, ar, fogo, água e terra, elementos imperecíveis, eternos e que pela influência do amor e ódio se agregam e desagregam dando origem todas as coisas, ou seja, pela ação de duas forças opostas cria-se uma tensão responsável pela unidade. Este movimento provocado pelas “divindades” do amor e do ódio, não existindo a vitória plena, mas, uma plenitude passageira de cada uma delas. Aqui podemos entender como transição entre o pensamento da unidade na multiplicidade do pensador de Éfeso para o pensamento da imobilidade do ser parmenidiano, revelando a síntese entre ambos que Empédocles procurou responder, contudo, ainda muito voltado para o pensamento do eleata.

Anaxágoras afirmava a impossibilidade de a matéria ser finita surgida do nada e ser divisível e defende uma inteligência (*Nous*) que governa e ordena todas as coisas materiais e as atualiza em suas potencialidades (pois, em sua origem a matéria é indeterminada). No se refere a matéria observamos a influência do pensamento de Parmênides e no *Nous* (esta inteligência que promove organização e transformações sobre a materialidade, ou seja, uma forma de movimento) derivações da filosofia heraclitiana, o que nos leva a crer que foi uma das primeiras tentativas de respostas aos filósofos da imobilidade e movimento.

Demócrito apesar de tradição colocá-lo como oposto a Heráclito supostamente utilizou de sua filosofia para fundamentar sua teoria atômica e para refutar a teoria do ser do filósofo eleata. Na teoria do átomo afirma a existência de um vazio onde atua o movimento, que seria o não-ser, pois, então o nada seria pensável e dizível. Assim, podemos também considerar esta teoria também como uma possível resposta desta aporia.

Platão com o desenvolvimento do pensamento do mundo sensível e inteligível pode ser também observado como uma possível resposta a este problema metafísico, pois, o mundo das ideias seria governado pelo pensamento de Parmênides e o da cópia, das ilusões é fruto das concepções de Heráclito.



A resposta de Aristóteles se difere de seus antecessores chamando a atenção, pois não os considerava Parmênides e Heráclito antagônicos, não via o devir como ilusão e, com isso, também não compreendia a existência de dois mundos como Platão defendia, mas, um único em que o movimento e a unidade coexistem. O filósofo desenvolve os conceitos de ato e potência, quatro causas e acidente e substância que podem ser consideradas como uma possível resposta a essa aporia.

2. Parmênides e unidade do ser

Parmênides nasceu em Eléia, colônia grega, no atual sul da Itália, entre os séculos VI e V a. C., e, para o campo filosófico, trouxe uma ideia totalmente nova e importante, rompendo com a antiga *archè*, não pensando como seus antecessores que o elemento primeiro era algo natural como a água, o *ápeiron*, ar e entre outros². Assim, o eleata assume uma postura inovadora no qual introduz o *ser* no panorama da Filosofia e, posteriormente, na ciência metafísica.

O novo conceito que surge no período do *archè*, que se procurava o elemento primordial do mundo e das coisas, Parmênides se destaca, pois, pensa neste e responde a essa questão afirmando ser o *ser* responsável pelo cosmo e pelas coisas que existem nele.

A procura do princípio destas coisas é a procura do que unifica e mantém o múltiplo, o diverso, o diferente; é a tentativa de reconduzir todas as coisas múltiplas, diversas e diferentes à unidade ou à identidade, àquilo em que todas convêm e sobre que todas permanecem, apesar da sua multiplicação, diversificação

² A *arché* foi termo introduzido na Filosofia por Anaximandro que substituiu o termo *Physis*, que significa princípio originário, daquilo do qual tudo provém, aquilo no qual se concluem aquilo pelo qual existe e subsiste as coisas. Antes de Parmênides houve outros pré-socráticos que discutiram tal ideia, no entanto, conservavam elementos da natureza, por essa razão o filósofo de Eleia é inovador no conceito de ser.

Segue abaixo o pensamento de seus antecessores para se possa notar a diferença de pensamentos entre eles e a diferenciação deles para com Parmênides.

O primeiro a discutir esse princípio foi Tales de Mileto que é tido pela tradição o primeiro filósofo, para esse o *arché* era a água, pois, ele observou que tudo o que tem vida é de natureza úmida e o que morre fica seco, portanto, a água é a fonte principal da vida. Essa água não é o elemento físico-químico que diariamente temos contato, mas é a *physis* líquida da qual tudo se deriva e a água material é uma de suas derivações.

Anaximandro foi discípulo de Tales, ele desenvolveu mais ainda a problemática do princípio original. Ele afirma ser esse princípio o *ápeiron*, que significa aquilo que não tem limite. Esse princípio incorpora e circunda, governa e sustenta tudo. Dele tudo se origina e depois volta para ele.

Anaxímenes afirma ser o ar o *arché*, pois, ele tem uma grande mobilidade e está em um perene movimento e por isso pode facilmente se transformar para fazer surgir diversas coisas. Segundo ele, quando o ar é condensado da origem à água e depois a terra; quando rarefeito e dilatado torna-se fogo.

Na escola pitagórica o princípio toma uma nova roupagem deixa de ser um elemento natural para passar para uma Filosofia matemática com o número, que na visão desta escola era o *arché*, pois, viam na música a importância deles, portanto, chegaram à conclusão que a realidade e a harmonia seriam imagens dos números.

Xenófanes foi o primeiro a pensar o princípio a partir de dois elementos a terra e a água, ele afirmava “que tudo nasce na terra e na terra termina” e “que tudo que nasce e cresce são de terra e água”.



e diferenciação. Assim respeitam-se a condição e a característica da identidade e da substancialidade: o princípio é a unidade de todas as coisas (MOLINARO, 2002, p.18).

A busca pelo princípio abre caminho para o conhecimento total de um componente, que a partir do múltiplo passa a ser um uno, e alcança inteiramente o fundamento primeiro e original de todas as coisas, uma vez que as características originárias são grandes promotoras da unidade, sendo elas idênticas em todo o ser. A metafísica, aqui, podemos dizer especialmente a de Parmênides, contribuiu para que se buscasse o ser enquanto ser, ou seja, buscando a sua totalidade do qual tudo deriva, convém e depende.

O filósofo levanta a questão da relação do pensar o ser e o não ser, como que se pode pensar em algo que essencialmente não é, pois, não existe ou deixou de existir. Ontologicamente é impossível o que não existe ou sua existência se extinguiu não pode ser capturado pelo pensamento. Este argumento apresentado sobre o conhecimento do ser, se fundamenta na frase de Parmênides: “o que é, é, o que não é, não é”. Com isso, surge o conceito da imutabilidade do ser.

A partir disso, o filósofo afirma que o pensar e o ser são a mesma coisa, por essa razão não se consegue pensar ou dizer sobre o que não existe. Se pensarmos ou dissermos o nada, não estamos pensando nem dizendo coisa alguma.

2.1 Características do ser

Ao conhecermos o pensamento parmenidiano sobre o ser observamos que este se enquadra no princípio de identidade do qual fundamenta o princípio de não-contradição, e considerando essas definições a respeito do princípio que Parmênides desenvolve, assim pode-se dar avanço aos aspectos ontológicos e às definições estruturais do caminho da verdade pura (*alétheia*). O ser não é gerado e incorruptível, pois,

se fosse gerado, deveria ter derivado de um não-ser, o que seria absurdo, dado que o não-ser não é, ou então deveria ter derivado do ser, o que é igualmente absurdo, porque então ele já seria. E por essas mesmas razões também é impossível que o ser se corrompa (o ser não pode ir para o não ser, porque o não-ser não é, nem pode ir para o ser, porque ir para o ser indubitavelmente significa ser e, portanto, permanecer) (REALE; ANTISERI, 1990, p.51).

Nada pode ser gerado do nada (“o nada não é e não pode ser”), então ele não pode dar origem ao ser. Se fosse gerado de outro ser, isso seria admitir que existem dois seres e um deles seria o “não-ser” de outro, e isso é impossível. Pois a geração de um ser por outro ser acabaria com a unidade proposta pelo filósofo. O Ser também é incorruptível, pois, do contrário, tornar-se-ia o



não ser. Se o Ser não é gerado, existiu desde todo sempre, então ele já teria experimentado todas as condições que poderiam fazê-lo deixar de ser. Se isso não aconteceu, é porque o Ser é sem começo e sem fim, ou seja, em relação ao tempo, o ser é eterno.

O pré-socrático, considerando que o ser é imutável e imóvel, afirma que a multiplicidade é ilusão, “assim, o ser de Parmênides é todo igual, pois o ser se amálgama com o ser, sendo impensável um mais de ser ou um menos de ser, que pressuporiam uma incidência do não-ser” (REALE; ANTISERI, 1990, p. 53).

Alcançou-se, por fim, a naturalidade, a esfericidade e a unidade do ser. Recorrendo aos pitagóricos, a abstração da esfera, ou seja, para Parmênides o ser é uma esfera, “porque de um último limite, é completo em todos os lados, comparável à massa de uma esfera bem redonda, equilibrada em todas as direções” (PARMÊNIDES, 1998, p.56). Desta forma, chega à conclusão de que o ser é não gerado, incorrupto, imutável, imóvel, idêntico a si, esférico e uno.

Por esta razão a filosofia parmenidiana, não aceita o movimento, uma vez que este pode mudar o ser, o que implicaria na corrupção das teses levantadas pelo filósofo.

3. Heráclito de Éfeso e a harmonia dos contrários

Heráclito, também foi um pré-socrático nascido na região da Jônia, que viveu entre séc. VI e V a. C., e o seu pensamento, mesmo sendo contemporâneo de Parmênides, é totalmente distante. O seu pensar, no tocante ao ser, afirmava que este é um devir (movimento). Pertencia a Escola Jônica, assim como seus antecessores notava a dinamicidade e volatilidade dos elementos naturais.

A sua filosofia trouxe para o campo do conhecimento teórico o conceito de devir, o qual seria a justificativa para as transformações que presenciamos a partir dos nossos sentidos. Essa teoria pode causar um problema para o princípio de não-contradição, pois esta não permite que um não-ser venha a ser ou vice-versa. Heráclito desenvolve o conceito de vir-a-ser que seria o mesmo que mudança, uma forma típica de mudança, absoluta ou substancial que possibilita sair do não-ser e chegar ao ser ou sair do ser e alcançar o nada. Justificando o porque

as coisas frias esquentam, as quentes esfriam, as úmidas secam, as secas umedecem, o jovem envelhece, o vivo morre, mas daquilo que está morto renasce outra vida jovem e assim por diante. Há, portanto, uma guerra perpétua entre os contrários que se aproximam (REALE; ANTISERI, 1990, p.36).

Partindo da observação do movimento Heráclito expõe e intitula sua teoria *Harmonia dos contrários*. Esta tese afirma que tudo muda, nada permanece igual. Para sustentar esse seu



pensamento encontramos em seus fragmentos que ninguém pode se banhar em um mesmo rio, pois este não é o mesmo. Superficialmente aparenta o mesmo rio, mas, essencialmente não é mais, pois aquilo que o constituía, as águas, não são mais as mesmas. Portanto, um fenômeno não pode ser experienciado mais de uma vez, porque tudo passa e se transforma.

Segundo este filósofo, o cosmo, o homem e a natureza, deve deixar de ser para ser, ou seja, o que foi, não pode ser depois, o que foi hoje, devem deixar de ser para amanhã ser.

3.1 O ser como resultado dos opostos e da harmonia dos contrários

Em seu fragmento cinquenta e três, Heráclito afirma que: “a guerra é o pai de todas as coisas e de todos os reis; de uns fez deuses, de outros homens; de uns escravos, de outros homens livres” (HERÁCLITO, 1998, p. 39). Nesta frase podemos notar que o filósofo reconhece que há uma força de combate entre as coisas, que é responsável pelas transformações, que é o *devir*, a causa essencial para o movimento das coisas na procura da harmonia, assim, como justiça e a injustiça coincidem, pois, para se chegar à primeira, é necessária a existência da segunda, e sem a injustiça não é possível conhecer e chegar ao conceito do que é a justiça.

Segundo o filósofo, da discórdia gera-se a ordem. Portanto, nesta relação não existe a possibilidade da existência da realidade quando não há tensão entre os opostos, pois a estabilidade é uma ilusão, ao contrário de Parmênides, o movimento e a multiplicidade são verdadeiros.

O simples, a repetição de um único som não é harmonia. Da harmonia é precisamente o absoluto devir, transformar-se não devir outro, agora este, depois aquele. O essencial é que cada diferente, cada particular seja diferente de um outro - mas não de um abstrato qualquer outro, mas de seu outro; cada um apenas é, na medida em que seu outro si esteja consigo, em seu conceito. Mudança é unidade, relação de ambos a um, um ser, este e o outro. Na harmonia e no pensamento concordamos que seja assim; vemos, pensamos a mudança, a unidade essencial (Hegel, 1999, pg. 105).

Hegel, ao comentar a filosofia de Heráclito, utiliza-se do som para exemplificar a harmonia como devir, que não permanece sempre o mesmo, mas, para formar uma música, é necessário que exista outros elementos, para ir substituindo aqueles que estiveram presentes anteriormente e, em um movimento de substituição das notas intercaladas com pequenos momentos de silêncio vai se dando a harmonia musical. Nas substituições das notas em suas diferenciações sonoras vai unificando-se com outras que contêm as suas particularidades, misturadas ao silêncio, vai se formando uma unidade. Deste modo, a unidade se dá pela multiplicidade, ou seja, que o uno é múltiplo e o múltiplo é uno, pois,



se o acaso é necessidade, a beleza é feiura, a discórdia é concórdia, o quente é úmido, o dia carrega dentro de si a noite, e a noite traz dentro de si o dia, é porque as coisas aparentemente independentes umas das outras e em conflitos umas com as outras, são uma só e mesma coisa. A unidade se esconde sob os contrários em luta e essa unidade é multiplicidade (CHAUÍ, 1994, p. 68).

Não diferente, no cosmo se dá como no exemplo da música, em que os diferentes contrastes se manifestam em uma perene tensão, essa que gera a harmonia, como vemos pelo fragmento oito do filósofo: “Tudo se faz por contraste; da luta dos contrários nasce a mais bela harmonia” (HERÁCLITO, 1998, p.36).

Mesmo tendo um pensamento diferente de seus antecessores, Heráclito define o fogo como o Arché de seu pensamento. A escolha do fogo como o princípio fundamental está intrinsecamente ligado à sua teoria do *devir*, porque, para o filósofo, este elemento é responsável pelas transformações, como ele mesmo afirma: “todas as coisas são uma troca do fogo e o fogo uma troca do ouro e ouro troca de todas as mercadorias” (HERÁCLITO Apud REALE, 1990, p. 37).

Também é evidente o motivo pelo qual Heráclito afirma porque o fogo é o elemento primário da ordem universal, porque no fogo existe uma movimentação de transformação pela mudança contínua, contraste e harmonia. “Com efeito, o fogo está continuamente em movimento, vida que vive da morte do combustível, é continua transformação deste em cinzas, fumaça e vapores, é perene "necessidade e saciedade”. (REALE; ANTISERI, 1990, p.23)

Portanto, a concepção da *epistème* heraclitiana tem um valor maior que a ideia empírica, ressaltando força da natureza. O *lógos* heraclitiano possibilita esse entendimento, pois o conhecimento é visto também como um movimento da alma que se vale dos sentidos para dar significado às coisas que são.

4. Aristóteles, o ser e o devir

Aristóteles, em seus múltiplos conhecimentos por meio da observação, como Biologia, Astronomia, Física e entre outras ciências naturais, tinha ampla visão sobre o Cosmos, suas manifestações e o que nele contém, o que lhe possibilitou responder a aporia introduzida na História da Filosofia por Parmênides e Heráclito.

Dando início à pesquisa metafísica, a princípio, chamada por ele de Filosofia Primeira, ciência que procura estudar o ser enquanto ser, ou seja, buscar conhecer o que faz as coisas serem o que são, como é, o que dá existência a algo e entre outras coisas. O pensamento dos filósofos de



Eleia e Éfeso começa a adentrar os escritos de Filosofia Primeira por serem de conteúdo natural e requererem uma solução.

Aristóteles concorda com Parmênides que o surgimento de algo do nada é impossível, mas, também admite o pensamento de Heráclito de que existe uma mudança de alguma coisa para outra coisa. A razão para isso é que tudo no mundo passa por mudanças: a criança se torna adulto, o fogo em cinzas e o gelo em água. O que acontece é que “a mudança precisa ocorrer com base em algo complexo, um conjunto de elementos em que alguma coisa persiste e modifica” (COSTA; MELO, 2015, p. 32).

Assim, o filósofo cria teorias que podem ser consideradas como uma resposta unificadora para esta problemática ontológica aparentemente divergente que poderia dividir ou resumir o pensamento metafísico nesses dois filósofos. As respostas dadas por Aristóteles foram: o desenvolvimento dos conceitos de ato e potência; a teoria das quatro causas; e substância e acidente.

4.1 Ato e potência

Como já discutido anteriormente, Parmênides, não admite nenhuma relação entre o ser e o não ser, assim, negava o devir, já que coisa alguma pode surgir do nada e nem deixar de ser o que é. Já Heráclito reconhece a realidade da mudança e, conseqüentemente, nada permanecia o mesmo. Partindo desta contradição, Aristóteles desenvolve uma teoria em que se utiliza de traços da Filosofia dos dois pré-socráticos, unifica-os e os complementa com a sua interpretação filosófica, afirmando que o ser não é somente o que já existe, aquilo que é ato, mas, também pode o ser vir-a-ser, que é a potência. Essa distinção de Aristóteles é diferenciada, pois, até então, os filósofos anteriores caíam no erro unilateral de partir do não-ser ou do ser ao não-ser, ou de separação de duas realidades como fizera Platão.

Potência, em primeiro lugar significa o princípio do movimento ou de mudança que se encontra em outra coisa ou na própria coisa enquanto outra. A arte de construir, por exemplo, é uma potência que não se encontra na coisa construída; mas a arte de curar, que também é uma potência, pode-se também no que é curado, mas não enquanto é curado (Aristóteles, 2002, p. 227).

Reale e Antiseri (1990, p. 185), comentando sobre potência, definem esta como matéria capaz de assumir ou receber forma:

a matéria é “potência”, isto é, “potencialidade”, no sentido de que é capacidade de assumir ou receber a forma: o bronze é potência da estátua porque é capacidade efetiva de receber e assumir a forma de estátua; a madeira é potência dos vários



objetos que se podem fazer com a madeira porque é capacidade concreta de assumir as formas desses vários objetos (REALE; ANTISERI, 1990, p.185).

Por exemplo, uma estátua que ainda fisicamente não existe, mas existe potencialmente na capacidade de sua matéria, seja o bronze ou a madeira, poder sofrer um movimento que trabalha para que esta se torne o objeto determinado. Portanto, da passagem da potência para o ato, já que sua matéria já foi identificada com a potência ao ato que é possível obter diferentes formas.

O que sofre esse movimento é a matéria e não a substância, afirma Chauí (1994, p. 283): “Um ser não muda propriamente de forma, mas passa de uma forma para a outra ou desenvolve a forma que possui. Assim a substância enquanto matéria é responsável pela mudança”.

Diante da imutabilidade da forma, é legítimo concluir sua relação com o ato, ou o vir-a-ser. É o efeito de mover coisas pelo qual sempre se esforça a causa final de tudo. Existe uma busca constante pela perfeição, pela forma pura. Todo ser quer alcançar essa forma para que ele não mude. Para conseguir isso, todo ser, através do processo de ação da potência e ato, necessário para atingir esse grau de perfeição. A potência é a capacidade do vir-a-ser e o ato a realização dessa possibilidade, portanto, da potência ao ato, seria a perfeição.

A teoria de ato-potência explica a possibilidade do diálogo entre a unidade do filósofo da imutabilidade e do movimento defendido por Heráclito, pois sempre será possível ver algo de imutável nas diversas manifestações de mudanças nas coisas sensíveis.

4.2 As quatro causas

Outra resposta à problemática ontológica discutida é a teoria das quatro causas, que possibilita a resolução metafísica sobre os seres e a sua existência real. Nesta teoria, discute-se um dos problemas frequentes em tempos antigos: o problema das causas, do qual Aristóteles parte dos pensamentos de outros filósofos, especialmente de Parmênides e Heráclito. A contribuição do eleata está presente nas duas primeiras causas que estão relacionadas com a materialidade que constituem o ser, e do efésio nas duas últimas que se referem ao movimento e à sua finalidade de exercer sobre a matéria uma força que irá passar o objeto da potência para o ato.

Ora, as causas são entendidas em quatro diferentes sentidos. Num primeiro sentido, dizemos que é a substância e a essência. De fato, o porquê das coisas se reduz, em última análise, à forma e o primeiro porquê é, justamente, uma causa e um princípio; num segundo sentido, dizemos que causa é a matéria e o substrato; num terceiro sentido, dizemos que causa é o princípio do movimento; num quarto sentido, dizemos que causa é o oposto do último sentido, ou seja, é o fim e o bem:



de fato, este é o fim da geração e de todo movimento. (ARISTOTELES, 2002, p.15).

A primeira destas causas é chamada de formal, que se trata substância ou essência das coisas, é o princípio determinante, a natureza íntima do ser, é a condição principal que permite o ser ser o que é e não ser outra coisa.

A segunda causa, é a causa material, que procura analisar do que é feito ou em que consistem as coisas. Funciona como substrato, pois é a constituição do ser. Exterminá-la é exterminar o ser e, também, os sentidos do objeto, pois, sua capacidade sensível indeterminada se encontra na matéria. Sem esta causa se tornam impossíveis as coisas sensíveis, pois, sem a madeira não existiria a mesa, sem o vidro não teríamos copos ou taças.

A causa eficiente é a fonte do movimento que possibilita a transformação de algo que está em um ato ainda indeterminado para a potência que se encontra no substrato e, posteriormente, em um novo ato que fora estabelecido, por alguém ou pela própria natureza. Nada que existe ou existirá não poderá vir por si só, há um fator que impulsiona algo a existir, que é o princípio de mudança (que anteriormente chamado por Heráclito de devir) que exercerá sobre o substrato uma transformação para que esse ganhe a forma determinada pelo encarregado da causa eficiente, por exemplo: uma cadeira para ela ser, houve um princípio de mudança que exerceu força sobre a madeira que possibilitou a construção dela, aqui a causa do movimento foi aplicada pelo artesão.

A última das causas é a causa final, que é ato puro, a perfeição, e está inseparavelmente unida ao bem. Essa causa é a responsável pela existência das outras três, pelo princípio de mudança, no qual o ser se aproxima de sua finalidade-perfeição.

o exemplo que nos fará compreender o papel dessas quatro causas, ou princípios, é a estátua de Davi, esculpida por Michelangelo. A matéria é aquilo com que a estátua é feita, no caso, o mármore. A forma é aquilo que determina a estátua, isto é, que a torna um Davi e não um Moisés, uma Atenas ou um Zeus. A causa eficiente é aquilo que produziu, que fabricou, que fez a estátua, isto é, o escultor. A causa final é o fim proposto pelo escultor, fazer um Davi, não um Zeus (ROSSET; FRANGIOTTI, 2012, p. 72).

As quatro causas são distintas, porém, são inseparáveis e necessárias para que se possa conhecer o escopo da Filosofia aristotélica em relação ao conhecimento do ser e notar as contribuições da Filosofia de Parmênides, sobre o princípio interno do ser, a essência da coisa que não pode mudar, mesmo sobre a influência do movimento; é o que garante ser o que é e não ser outra coisa e sobre a materialidade, mesmo que venha a ser constituído algo consigo, não poderá



deixar de ser o que é. Exemplificando, uma estátua de bronze sempre será bronze, uma mesa de madeira sempre será madeira.

Em relação ao pensamento de Heráclito fica bem claro na terceira causa, que esse movimento, que, apesar de ser contraditório, a causa final só existe devido a ela, e que tem por intenção a busca da perfeição do ser e, como já vimos no pensamento do efésio, a harmonia nasce dos movimentos entre os contrários, agora vemos em Aristóteles que a perfeição de um ser se dá pelo movimento que exerce as mudanças nas matérias indeterminadas.

Assim, na teoria das quatro causas o movimento heraclitiano é explicado e afirmado pela procura da perfeição da matéria pela causa eficiente e a unidade ontológica de Parmênides, que se apresenta na unidade da forma do ser que é imutável.

4.3 Substância e acidente

Tendo discutido até aqui teorias que envolvem a substância, faz-se necessária a discussão e a compreensão sobre este ponto chave, que garante o ser como princípio interno de sua existência e sobre as ações que ela pode sofrer, sem que venha a se deteriorar ou deixar de existir enquanto tal, apenas sofrendo mudanças em sua exterioridade, o que vai ser chamado de acidente.

O acidente, segundo, Aristóteles significa

o que pertence a uma coisa e pode ser afirmado como verdade da coisa, mas não sempre nem habitualmente: por exemplo, alguém cava um buraco para plantar uma árvore e encontra um tesouro. Esse achado do tesouro é, portanto, um acidente para quem cava um buraco: de fato, uma coisa não deriva da outra nem se segue necessariamente à outra; e nem habitualmente se encontra um tesouro quando se planta uma árvore (Aristóteles, 2002, p. 265).

No exemplo dado pelo Filósofo, em que, se alguém cava um buraco na intenção de plantar uma árvore encontra um tesouro, trata de um acidente, pois, não é sempre e nem habitual que quando se cave se encontre um tesouro e nem plantar uma árvore e encontrar um tesouro estão relacionados.

O acidente não existe por si mesmo, ele sempre possui uma atribuição a um ser como afirma Gardeil (2013, p. 39): “o acidente é definido como: o princípio real de ser ao qual convém existir em um outro como em um outro em um sujeito de inerência”. Os acidentes são somente atributos que predicam o ser, revelando o que uma coisa é, ou age, pois eles não têm influência alguma sobre a substância da coisa em que eles se anexaram, como no caso do buraco cavado na intenção de se plantar uma árvore e ser encontrado um tesouro, não mudou a substância da terra, da árvore, do



agente desta ação, mas algo que surgiu durante esse evento, da mesma forma que um homem ser branco ou negro, loiro ou moreno, pequeno ou grande não mudam a sua substância, não o faz deixar de ser homem.

Diante da compreensão de acidente podemos concluir que o ser verdadeiro se encontra na substância que “é o que é imanente às coisas que não se predicam de um substrato e que é causa de seu ser: por exemplo, a alma de um animal” (Aristóteles, 2002, p. 215).

Diante do movimento de mudança aqui chamado de acidente, Aristóteles desenvolve as dez categorias para poder fazer compreender a dinamização das predicções sobre o ser, são elas: substância, quantidade, qualidade, lugar, tempo, relação, ação, paixão, situação e posse.

Desta forma, as mudanças sensíveis accidentais sobre um objeto, atribuindo a ele características nem sempre naturais, mostram o poder do movimento em fazer com que ele alcance uma possível perfeição pela força de constantes acidentes que ele poderá sofrer. Em relação à substância, é aquele princípio fundamental para que um ser continue a ser o que é, como no caso do homem, que, mesmo sofrendo os acidentes que lhe são próprios, como a velhice, ou não naturais, como uma ação de mudanças corporais por vontade ou forças maiores, estes movimentos não mudarão a sua substância, a humanidade, e, da mesma forma, com quaisquer outros seres.

Portanto, aqui vemos a influência do pensamento de Parmênides e Heráclito sobre a teoria do acidente e da substância, pois, ao tratar dos acidentes, que são as mudanças sensíveis das coisas, e ao falar da substância, aponta um princípio imóvel e permanente, capaz de assegurar a existência do ser e sua conservação enquanto tal.

5. Considerações finais

Esse tema discutido, muitas vezes é tido como ultrapassado na História da Filosofia, porém, não se nota o meritoso papel de Aristóteles com essa resposta, que mostrou a importância da atribuição à matéria na explicação dos fenômenos naturais e na teleologia do movimento sobre a matéria, abrindo as portas da Ontologia e de outras ciências modernas.

O estagirita, devido a seus estudos nas diversas áreas do conhecimento, conseguiu notar que o pensamento dos filósofos pré-socráticos de visões aversas, não era assim tão contraditório, como se discutia anteriormente, pois ele, em seus trabalhos de Biologia e Física, observou as forças da natureza. E notou que Parmênides e Heráclito estavam corretos em suas afirmações, no entanto, tiveram uma observação unilateral às manifestações naturais, assim como fizeram os seus predecessores, levando-os ao erro.



Diferentemente de seus antecessores, Aristóteles deu importância a matéria como sendo verdadeira, como possível de um real conhecimento dela, não concebendo como uma ilusão, partindo de sua física trouxe o abstrato para o real. O mesmo se deu com o movimento, até então considerado pela tradição como proporcionador de erros, o filósofo concebendo a teleologia deste, como existente para que a matéria atingisse a sua finalidade e se conservasse. Desta maneira, compreendendo a matéria como real e o movimento como aquele que existe para se alcançar a conservação põem o primeiro ponto para se notar que os pensamentos do eleata e do efésio são como uma moeda de dois lados.

Por meio da sua sistematização aplicável em sua Filosofia, podemos concluir que também essa resposta tem uma influência da teoria ética do justo-meio, em que se procura evitar todos os excessos, e assim, Aristóteles, encontrou o equilíbrio para os pensamentos dos filósofos discutidos.

Nos tempos atuais também vivemos uma polarização de pensamento, não mais metafísico, e sim, político, científico, entre outros, e esta resposta nos aponta para não nos flexionarmos para um lado apenas, mas olhar para o todo, evitando os extremos, olhar para a natureza e notar os movimentos contrários para o equilíbrio do cosmo e concluirmos, como o filósofo, que Parmênides e Heráclito estavam certos, no entanto, em uma visão unilateral prejudicial para a difusão da Filosofia, assim como os pensamentos vigentes podem conter verdades, mas, extremadas, podem ser danosas para o desenvolvimento social.

Portanto, o pensamento metafísico do Estagirita, influenciado por outras ciências estudadas por ele, trouxe avanços para a Filosofia nas suas diversas áreas de reflexão, contribuiu para o pensamento medieval, para as discussões filosóficas modernas e continuam a influenciar pensadores da contemporaneidade e a chamar a atenção de muitos intelectuais.

Referências

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Trad. REALE. G. 2.ed. Rio de Janeiro: ed. Vozes, 2002.

CHAUÍ, M. *Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

COSTA, M; MELO, T. *Uma introdução à metafísica*. 1.ed. Curitiba: InterSaberes, 2015. Disponível em: plataforma.bvirtual.com.br/Leitor/Publicacao/31400/pdf/5?code=W8H11uTkuzcF1p5PI/7eWJN2J9vjjR+gDkcTBwQz3Mr+jmc+4WWmLATbsFcEu8513SYFBL0OHY/f25gzvapM5w==. Acesso em: 10. outubro. 2021. p. 28-45.



IZIDORO, J. L.; JÚNIOR, M.J.F. A perspectiva aristotélica para a aporia do ser de Parmênides e Heráclito. *RHEMA*, v. 16, n. 51, p. 60-75, jan./jul. 2018. Disponível em: <https://seer.cesjf.br/index.php/RHEMA/article/view/1486>. Acesso em: 03. novembro. 2021.

GARDEIL, H. D. *Iniciação à Filosofia de São Tomás de Aquino*: Psicologia, Metafísica. 1. Ed. São Paulo: ed. Paulus, 2013.

HEGEL. *Pré-socráticos*. São Paulo: ed. Nova Cultural Ltda, 1999. Coleção Pensadores.

HERÁCLITO. Fragmentos. In: BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998. p. 36-46.

MOLINARO, Aniceto. *Metafísica: curso sistemático*. São Paulo: Paulus, 2002. PARMÊNIDES. Fragmentos. In: BORNHEIM, Gerd A. *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1998. p. 54-59.

REALE, G.; ANTISERI, D. *História da filosofia: antiguidade e idade média*. São Paulo: Paulus, 1990.

ROSSET, L.; FRANGIOTTI, R. *Metafísica antiga e medieval*. São Paulo: Paulus, 2012.

Recebido: 28/12/2023

Aceito: 01/02/2024